



Por não me julgar competente o suficiente para dizer todos os males que observo em meu país, utilizei-me do excelente livro de Mr. Bernard Maris, Carta Aberta aos Gurus da Economia que Nos Julgam Imbecis, a quem peço a licença de reproduzir na tradução da Editora Bertrand, a quem agradeço por não ter permitido que tão importantes idéias ficassem omitidas do grande público brasileiro e sul americano, como soem acontecer com muitas outras.



Epílogo (pág. 171)

Para que servem os economistas ?

Se a economia é a ciência do mercado, eles não servem para nada. (Tudo o que eles dizem é baseado numa fraude chamada oferta e demanda criada apenas para proteger os comerciantes marcadores de preços.)

Se a economia é uma ciência que prediz o futuro, então o maior de todos os economistas chama-se *Madame Soleil*... (o número da página seria por acaso...ou não???)

"Se a economia é uma religião, então o Federal Reserve (Banco Central Americano) é sua igreja e seu Presidente o Sumo Sacerdote, mas o maior economista continuará sendo João Paulo II."

CARTA ABERTA

AOS GURUS DA ECONOMIA QUE NOS JULGAM IMBECIS

Pág 57 e seguintes

Quando os papas abjuram ...

Os papas nunca são tolos que se deixem enganar. Eles deixam a devoção para os humildes, para os submissos, para os analfabetos ou para os Trissotin.

Maurice Allais, economista renegado, porque nunca se deixou enganar, dizia: "Estes 45 últimos anos foram dominados por toda uma sucessão de teorias dogmáticas, sempre sustentadas com a mesma auto confiança, mas totalmente contraditórias entre si, igual e totalmente irrealistas, e abandonadas uma após outra sob a pressão dos fatos. O estudo da História e a análise aprofundada de erros anteriores foram sendo excessiva e progressivamente substituídos por simples afirmações, muitas vezes alicerçadas em puros sofismas, em modelos matemáticos irrealistas e em análises superficiais das circunstâncias do momento".

"Le désarroi de la pensée économique" (A perda da razão (ou desnorreamento) do pensamento econômico), *Le Monde*, 29 de junho de 1989. Frase repetida, palavra por palavra, no *Le Figaro* de 19 de outubro de 1998.



[E já se passaram mais de 20 anos e a América Latina continua a ouvir a mesma cantilena dos que rastejam em volta do poder, exploram as classes pobres e depois voltam a trabalhar nos bancos. Nota do Coordenador]

Aqui na França é tranquilizador. O retorno à História. O retorno às fontes da economia política. E os "puros sofismas", os "modelos matemáticos irrealistas" abandonados... Faz bem ouvir isso. É um retorno ao velho Friedrich List e seu Sistemas de Economia Política.

Melhor ainda: Hicks, outro grande economista, um dos papas da virgindade walrasiana e do mês de Maria, também converteu-se ... à História. Finalmente. Hicks abjurou. Arrependeu-se. Oh, ao ler esse personagem culto e que escreve com uma elegância realmente rara entre os pedreiros da equação, não pudemos deixar de pensar que ... que estivesse blefando! Que usasse a lógica (mesmo manejando o jargão econômico) só para se divertir. Que refletisse sobre economia tal como os outros conversam eruditamente sobre o sexo dos anjos. Sua enorme teoria austríaca do capital - alguns volumes para demonstrar uma evidência: se a taxa de juros baixa, o investimento aumenta - não era mais do que um jogo sobre os modelos demográficos. Nós já sabíamos. Sabíamos também que ele havia apunhalado Keynes pelas costas e que não estava muito orgulhoso disso. Acabou reconhecendo os fatos.

Conquistado o Nobel, ele se dedicou cada vez mais à história do pensamento, depois à história dos fatos econômicos. Enfim, disse, substancialmente, em tom um tanto lasso, muito hicksiano, que tudo que havia construído ao longo da vida não era mais do que jogos feitos junto à lareira, *puzzles*, catedrais de palitos de fósforo. Infantilidades lógicas. Que a História era a única economia possível. Que a noção de lei econômica não tinha sentido. Reconheceu, em suma, que havia traído Keynes, logo após a publicação da *Teoria Geral*, interpretando-a por meio de um diagrama² do qual retirou, evidentemente, a incerteza, e que, no entanto, era Keynes quem tinha razão. O diagrama, chamado de IS-LM, escandalosamente ensinado aos estudantes como sendo uma síntese da teoria walrasiana e da teoria keynesiana.

"Os teóricos do equilíbrio não sabiam que estavam derrotados ... Eles acreditavam que Keynes podia ser absorvido por seu sistema de equilíbrio." Mas já estavam derrotados em 1937, quando Keynes se referia a "forças obscuras da incerteza e da ignorância que atuam nos mercados". Em 1979, Hicks finalmente abandonou a noção de lei universal em economia publicando uma veemente análise crítica: Causalidade e Economia. E morreu com um sorriso nos lábios.

Outros, porém, já haviam abdicado antes dele. Pareto, desesperado com muitas coisas, pondo Walras na fogueira depois de tê-lo adorado e reconhecendo que a economia não passava de uma tentativa inútil de fazer psicologia em outros termos - ah, mas isso é tão verdadeiro! E a "confiança"! A "transparência"! O "temperamento sanguíneo dos empresários"! E Marshall dizendo a Keynes, pouco antes de morrer: "*If I had to live my life over again, I should have devoted it to psychology ...*" ("Se me fosse dado viver de novo, eu dedicaria minha vida à psicologia ... " *Essays in Biography Coll. Writings Londres, McMillan 1972*).

E Keynes, lendo Freud e escrevendo anonimamente para seu próprio jornal a fim de dar testemunho de sua admiração pelo mestre de Viena, descobrindo em Freud suas teorias do dinheiro, da "libido poderosa dos empreendedores" e até mesmo da depressão. Keynes que, para fazer aceitar sua *Teoria Geral*, teve que adotar o jargão



vigente, improvisar duas ou três equações com multiplicações tomadas de empréstimo a Kahn e que nada lhe acrescentaram, teve que parecer hermético para ser apreciado pelo *establishment* e fazer ver, sub-repticiamente, a impostura da economia como física social e a inexistência do equilíbrio nos mercados (Bravo, Maynard! Digno de seus amigos Blunt e outros, alunos especiais em Cambridge).

E Gunnar Myrdall, o economista (Prêmio Nobel de 1974) que gastou seu fôlego criticando os economistas e debochando dos econometristas; e Klein, o econômetrista (prêmio Nobel de 1980) que também caçoa dos economistas ... E Maurice Allais, que, por ocasião de sua nova indicação ao Nobel, disse que, no fundo, a economia não é mais do que psicologia ... E Arrow, Prêmio Nobel, que é autor, juntamente com Debreu e Hahn, da teoria do equilíbrio e que estourou de rir assim que viu seu Nobel garantido ... E Robert Solow, Prêmio Nobel, a quem se deve esta maravilhosa frase: "A prisão é o auxílio-desemprego americano", e que, depois de anos de casuística matemática, também reconheceu que, em "ciência" econômica, decididamente, as instituições, a História e a política é que são importantes. Jamais o equilíbrio, a racionalidade, a concorrência, a eficácia e outras besteiras.

E o próprio Edmond Malinvaud, majestade dos pés à cabeça, que pregava sermões a Hicks por ter abandonado o círculo dos adoradores da "ciência" econômica ... E que também, no final de sua carreira ou, melhor, de sua vida, quando a ave de Minerva enfim se ergue, e todo homem ousa olhar de frente o que foi e o que fez, cantou sua estrofe antieconomia matemática! Paremos por aqui e rezemos! Aleluia! Até Malinvaud! "Por que os economistas não fazem descobertas?", questionou ele na Revista de Economia política em 1996. Bem claro, não?

Por que os economistas não fazem descobertas científicas?

Porque a economia não é propícia a descobertas científicas. Fazem-se descobertas em teologia? Ou em casuística? Em casuística, vai-se juntando caso a caso. De milhares a milhões de casos.

A economia tornou-se uma imensa acumulação de casos particulares.

Não sem razão o editor chefe do Wall Street Journal, um dos jornais de economia mais respeitados do mundo, abriu seu livro sobre os últimos mais famosos economistas com o título: Os Profetas Perdidos, e comenta que

"Na melhor das hipóteses a economia é uma pseudo-ciência, e na pior, é um jogo de adivinhação praticado por vigaristas expertos"

Que lucidez há nesse texto! É toda a história da "ciência" na França e no Ocidente! Aproximando os engenheiros dos literatos, os brancos dos aborígenes, os cidadãos dos camponeses. Mostrando como a matemática impressiona os ingênuos e ignorantes, que logo dizem ou fazem mais do que é preciso, por medo de não se mostrar suficientemente refinados ... Os piores ao ordenar os fuzilamentos foram sempre os que tinham medo de passar por frouxos ... Hoje em dia mesmo, muitos autores vituperam a "qualidade da ciência" porque têm diante dos olhos equações que não compreendem. É permanente a função terrorista da matemática.

A cientificidade é o tormento dos economistas. Então, para terem ares de sábios, exibem, bem ostensivamente, sua parafernália técnica. "A matemática, de instrumento, que jamais deixou de ser, passou a ser emblema, signo da ciência, destinada a impressionar os que estão fora e assegurar os do lado de dentro: o economista, pela matemática, exorciza sua inquietação de usurpador." [Frédéric Lordon, "Le désir



de faire sciences" (O desejo de fazer ciência"), *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº119, setembro de 1997.]

Obrigado, Edmond Malinvaud, por finalmente reunir-se aos que dizem em alto e bom som o que o mundo todo sabe e murmura baixinho: o rei está nu.

A dança macabra

Aniquilada toda a coerência do modelo de equilíbrio geral, cada um pode ir para seu canto, cuidar de sua vida, sem entrar mais pela seara alheia. Um vai tratar do contrato de trabalho, outro das relações entre os acionistas e os dirigentes, um terceiro das relações entre deputados e eleitores ou dos eleitos e dos governantes, mais um irá para o direito, algum mais para a filosofia política (o que se dá cada vez mais e é algo digno de respeito; há também um número enorme de bares a serem construídos e lotados com pessoas desocupadas e sentenciosas), este se ocupará da economia dos transportes, aquele da ecologia (aqui também há um bocado de gente, tanto o pensador em ecologia, quanto o tolo que busca a taxa ótima para que o buraco de ozônio tenha um formato ótimo, para que o Reno tenha um número ótimo de peixes navegando suas águas ou para que a taxa de câncer de uma população seja optimal), outro da economia industrial, outro etc. etc. Pelo menos a nova geração é lúcida. Fica trabalhando em seu canto, sem pretensões. Chega de grandes sistemas, viva o cada um para si e o *optimum* para todos.

É, eu disse mesmo o *optimum* e não o mercado. Os jovens economistas sabem que o *optimum* não é o mercado. Sabem que aplicam um jargão e um instrumento a todo e qualquer campo social. Pelo menos têm a desculpa de que o fazem com conhecimento de causa e com um certo cinismo (só o cinismo pode explicar que Rhône-Poulenc se preocupe com a ecologia, Bouygues com comunicação ou Becker¹ com problemas de fecundidade) [Gary Becker. Prêmio Nobel de Economia de 1992, um dos maiores do cálculo custo/benefício a ser aplicado a todos os aspectos da vida, sobretudo ao casamento, à vida familiar e, igualmente, ao crime. à educação etc..]. Morto o sistema de Walras, os economistas precipitaram-se para o pátio de recreio. E sobre a teoria dos jogos.

Não deixa de ser fascinante que a economia contemporânea tenha aí estabelecido moradia. Como o próprio nome indica, a teoria dos jogos é uma enorme empresa lógico-lúdica que possibilita fazer perguntas difíceis, propor adivinhações e charadas, construir os silogismos tão apreciados pelos lógicos de calças curtas ou compridas e pontificar sobre toda e qualquer questão social: as relações empregadores/empregados, o assédio sexual, a atitude dos criminosos e dos fraudadores (que o jargão econômico chama, adequadamente, de "passageiros clandestinos"), o trabalho feminino, as escolhas educacionais, as relações acionistas/patrões, gerentes/assalariados, Estado/empresas, os conflitos de todo tipo, as estratégias publicitárias, tudo, absolutamente tudo que compõe a vida de uma sociedade. Os conflitos entre homens e animais podem ser tratados pela teoria dos jogos. As relações afetivas ou sexuais, também.

A teoria dos jogos é a página Jogos do *Suplemento do Mickey* (embora com nível um pouquinho mais elevado: "Um comportamento ótimo está escondido nesse modelo: será que você consegue descobri-lo?"). E os economistas tornaram-se encantadores escoteiros-mirins do jogo de corridas, da fórmula de acender o fogo, da "qual é o maior número de três algarismos", do "você deve dar banho no seu gato ou pagar o



acionista em função dos dividendos e de sua importância?" ou "você deve casar ou comprar uma bicicleta?"

Ousem, senhores economistas! Ousem dizer que vocês têm prazer nisso! O verdadeiro prazer do lógico ou do matemático, para os quais a questão da utilidade não tem o mínimo valor. É supérflua. Digam que vocês são matemáticos dos melhores, garotos em viagens de pedal que julgam estar conduzindo o que para os outros são bólidos - mas que seu prazer, no caso, é o mesmo. Nós já fomos crianças. Então assumam seu lado autodidata, de pintores de domingo, de construtores de catedrais de palitos de fósforo; assumam seu piquenique na grama, com um copo de termodinâmica, uma pincelada psi, uma colherada de bom senso; assumam seu chopinho de fim de seminário, no qual vocês trocam impressões com os outros pilotos de modelismo, contemplando seus barquinhos no lago das Tuileries e sonhando navegar um oceano de verdade.

Sabe, Edmond Malinvaud, seu apelo em relação à "utilidade da pesquisa", suas recomendações quanto à "atenção na avaliação da pesquisa", à "maior exigência de serem anunciados os limites de alcance dos resultados" são ambíguos!

Se é para dizer a seus colegas "Reconheçam que vocês, utilitaristas, maníacos da utilidade, se tornaram conquistadores do inútil", tudo bem. Deixe que eles subam aos píncaros que não levam a parte alguma e aí se divirtam. Mas, se é para fazê-los, mais uma vez, pensar na utilidade e na seriedade de uma ciência que deveria estar mais próxima do real, não há acordo possível. Nada pior do que um economista tímido. Ele deixa porta aberta aos inventores de histórias e aos falsificadores. Gozem seu prazer sem limites, senhores economistas! Vocês têm o social e a matemática! Sejam ainda mais surrealistas! Pontilhistas! Expressionistas! Borrem a grande tela branca da vida com grandes pinceladas! - desculpem: com lemas e teoremas. E apregoem, alto e forte, que vocês vão cortar a grama de sob os pés dos *experts*, esses ladrões de saber.

A teoria dos jogos foi uma fantástica renovação de ar para os economistas incrustados nas sínteses macroeconômicas dos anos 60, nas pesadas recensões estatísticas em que se analisavam crescimentos, faziam-se comparações internacionais, estudos de desenvolvimento, todos esses ingentes esforços de 'Justapor-se ao real'. Até os nomes dos jogos são estranhos e divertidos: o dilema do prisioneiro, a guerra dos sexos, a pomba e o gavião, o teorema do folclore ...

Com a teoria dos jogos, veio o período das brincadeiras à mesa do bar, da anedota estudantil elevada às cumeeiras do pensamento. Um enorme ramo da economia, chamado de "economia industrial ou economia da informação", pôde, em total impunidade, contar os apuros do gerente enredado na vigilância dos acionistas, as astúcias do trabalhador qualificado *free-lance*, as macaquices do vendedor de carros em promoção seduzindo um boboca, a maldade do automobilista escondendo da companhia de seguros seu comportamento, as caretas do publicitário diante das ordens que lhe dão etc., repetindo de forma irresponsável tudo que os Administradores já haviam construído para benefício de gerentes, empresários e empregados. E isso de maneira absolutamente abstrata e lúdica, embora com pretensão à solidez das vigas mestras, do cimento e do madeiramento das obras, à dura realidade do ruído e do suor ... A economia industrial não diz mais do que três dedos de psicologia de boteco. Mas ela o diz com 'Jogos', interações estratégicas com raciocínios recorrentes, hipóteses de conhecimento comum ("eu sei que você sabe que eu sei"), eixos de decisão, argumentação que pesa seus 100 quilos de bom senso ("suponhamos que o *manager* deseje provisoriamente, em situação de incerteza, manter sua remunera-



ção"). Ela permite aos economistas, a todos os economistas, levar um bom tempo, sem cansar ninguém, enrolando raciocínios cotidianos em metros e metros de equações a serem arrumadas no baú de brinquedos da "indústria". Indústria, o termo tem o peso de toneladas de petróleo e seus tanques de refinaria. Soa mais sério do que dizer: "Eu o agarro pela barbicha, e você também" (Refrão de uma canção infantil francesa: *"Je te tiens, tu me tiens par la barbichette"*. N.T.)- o que é, porém, a própria base de raciocínio dos jogos. Vocês não começariam um curso dizendo: "Atenção! Hoje vamos brincar de cantar: 'Vou pegar vocês pela barbicha'." Vocês diriam: "Vamos estudar os modelos principal agente, a teoria das incitações e alguns equilíbrios de -Nash." Nash é aquele mesmo que julgaram louco porque provou em um sistema de equações que se todos agissem em função de seus próprios interesses como queria Adam Smith, o resultado do sistema seria o pior possível, todos perderiam. Por isso diziam que ele era louco e encomendaram um filme para que ele fosse totalmente desacreditado. O filme chamou-se Uma Mente Brilhante e mostra Nash como participante de uma conspiração imaginária, coisa de louco.

O fim do sistema de equilíbrio geral foi uma espécie de queda do Muro de Berlim. Um delírio. Todos os economistas, mesmo os mais canastrões, os mais empoeirados, os liberais mais descabelados ou os marxistas mais ferrenhos, passando por pomposos keynesianos que nada entenderam de Keynes, adotaram a teoria dos jogos. Agora acabou. A teoria morreu. Brinca-se. É divertido. Dança-se sobre o cadáver. Faz-se um joguinho para explicar as relações entre o Estado e os sindicatos, o duelo franco-alemão, a luta da Companhia de Águas com a Lyonnaise, o futuro da Rede Ferroviária ou o Monicagate americano ... O mesmo jogo explica tudo. Enfim, os economistas estão em um mesmo campo: o do vazio. "A teoria dos jogos é a matriz econômica, contendo a própria teoria do equilíbrio" diz Bernard Nossiter. Totalmente de acordo. Ela é a matriz do comportamento humano. Ela explica a estratégia de Gérard Lambert, pela manhã entre sua *bike* e o metrô, a de Napoleão preferindo ter o sol nas costas num dois de dezembro ou de John Meriwether, patrão do fundo LTCM, fazendo uma aposta de 50 milhões de dólares nas letras do tesouro russas e vendo tudo se perder por seguir os conselhos de dois economistas, Merton e Scholes, ambos prêmios Nobel, que usaram suas equações para administrar um fundo de ações e mercado futuro, conseguindo perder mais de 150 milhões de investidores que neles acreditaram e jogaram no LTCM – Long Term Capital Management, de triste memória.

Ah, que é um bocado divertido, é!

Não há dúvida de que, para quem olha de fora, manter-se-á um arzinho trágico de quem faz truques muito complicados, sendo falta de educação do público tentar desvendá-los. Só faltava os economistas terem que se explicar diante dos cidadãos pelo avanço da desigualdade e da fome depois de aplicadas suas receitas! Os médicos, as enfermeiras, os advogados, os vendedores de Dioxina, os jornalistas, é lógico que sim, os políticos também, por que não?, mas os economistas! E, além do mais, dizer o quê? Eles têm o privilégio único de poder discursar sobre a vida dos homens em sociedade, aconselhá-los, orientá-los, censurá-los, fazê-los passar fome em certas situações, sem ter nunca que prestar contas. Além disso, seu blablablá é tão complicado, que ninguém entenderia nada mesmo e seria preciso ficar tentando compreender!

Ousemos dizer o seguinte: a teoria dos jogos, a economia pós-walrasiana, é a oportunidade única para os mestres, os verdadeiros: *eles podem, finalmente, divertir-se em paz.*



O problema é que, como sempre, *experts* irão aproveitar-se dessa nova "ciência" para desfilar pelos salões a passos soltos. Ou, libertos da coleira do modelo geral, irão buscar os *optima* em seu canto. Mas sempre repetindo: "Viva o mercado e o *optimum*", esses hipócritas, justamente agora, quando não têm mais o direito de fazê-lo, quando não mais estão na sociedade e, sim, recolhidos à sua pequena horta de legumes.

É catastrófico.

"Jamais insistiremos suficientemente no fato de que a ciência experimental progrediu graças ao trabalho de homens incrivelmente medíocres ou até mais do que medíocres ... Pois antes os homens podiam dividir-se, simplesmente, em instruídos e ignorantes, alguns mais ou menos instruídos e outros mais ou menos ignorantes. O especialista não é um douto, pois ignora completamente tudo o que não faz parte de sua especialidade, mas também não pode ser considerado um ignorante, pois é um homem de ciência, que conhece muito de sua bem pequena porção do universo. É, portanto, um instruído-ignorante", como os classifica Ortega y Gasset em A revolta das Massas escrito em 1930.

Mas essa frase cruel não se aplica exatamente aos economistas. Para eles é ainda pior. Primeiro, porque não fazem experiências. Depois, porque são, muitas vezes, lúcidos. Eles sabem que estão condenados a encerrar-se em seu canto, a ficar cultivando seu canteirinho particular. Mas será que tiram partido disso? Que aplicam o adágio "Para vivermos felizes, vivamos escondidos e cultivemos nosso jardim"?

Os filósofos usufruem da inutilidade da filosofia? Sim. E os casuístas usufruem da casuística? Sim.

Os economistas usufruem da inutilidade da economia? Claro que sim. Com ele mantém seus gordos empreguinhas nos bancos enquanto aconselham governantes incautos a manter as crenças na fraude da oferta e demanda, inventada apenas para proteção dos ricos e dos mercadores, tornada religião para que ninguém a possa discutir ou sequer entender porque invertem os eixos quando desenham o gráfico. Desde que acreditem e tenham fé em que os preços saem sozinhos subindo uma escada erguida por uma entidade mágica chamada mercado, e que nada podemos fazer a respeito, então sua função está cumprida: eles cuja ciência era a administração da casa, entregaram a casa aos ladrões e aos que marcam os preços das mercadorias.

Ou será que estão dentro da casa no exato momento em que outros, em seu nome, a saqueiam??? Então, senhores economistas, porque não voltar às origens e discutir a questão da distribuição? Por que hoje 80% da renda está nas mãos de 15% das pessoas enquanto as 85% passam fome ou vivem na extrema pobreza depois dos governantes cumprirem suas lições e seguirem seus conselhos?

Eis um retrato de suas brilhantes recomendações segundo sitio da ONU na WEB:





Ph D Consultores S/C Ltda

CARTA ABERTA AOS GURUS DA ECONOMIA -

Trecho do Livro de Bernard Maris Edit Bertrand
Coord . Prof Graccho M Maciel **Pág 8**

ATÉ QUANDO ???